



Congresso Internacional de Envelhecimento Humano

Avanços da ciência e das políticas públicas para o envelhecimento

UM ENCONTRO ENTRE GERAÇÕES: ACADÊMICOS E IDOSAS BUSCANDO O RESGATE DO SABER POPULAR

Arthur Bento de Meneses (UFCG) e-mail: arthur-mais@hotmail.com

Eliene Pereira da Costa (UFCG) e-mail: elienepcosta@hotmail.com

José Olivandro Duarte de Oliveira (UFCG) e-mail: olivandro_duarte@hotmail.com

Ariadne Messalina Batista Meira (UFCG) e-mail: ariadne.messalina@gmail.com

Cristina Ruan Ferreira de Araújo (UFCG-ORIENTADORA) e-mail: profcrisinaruan@bol.com.br

INTRODUÇÃO

Diante da atual problemática relacionada à saúde em nosso país a busca por terapias alternativas torna-se extremamente necessária, e a fitoterapia ou tratamento por meio de plantas medicinais tem grande importância nesse processo por diversos motivos, entre eles o baixo custo e os baixos índices de queixas relacionadas a efeitos adversos. Esse uso de plantas medicinais foi o principal recurso terapêutico utilizado por muitos anos. Entretanto, com os avanços ocorridos no meio técnico-científico, sobretudo no âmbito das ciências da saúde, novas maneiras de tratar e curar as doenças foram surgindo ¹.

Observamos que as populações inventam ou reinventam tradições para se adequar a outras formas culturais que lhes são impostas ou com as quais travam contato. As práticas e saberes vinculados ao uso de plantas permeiam a cura, tanto das doenças naturais do ambiente como aquelas introduzidas pelo processo civilizatório ². O conhecimento acerca das plantas medicinais é transferido de geração em geração e desperta atualmente o interesse de

pesquisadores e indústrias farmacêuticas.

A transmissão dessa sabedoria ocorre majoritariamente no sistema informal de saúde. Isso, provavelmente, se explica a partir do despreparo e/ou descrença dos profissionais de saúde (sistema formal) quanto a esta prática popular de cuidado à saúde ³.

Para resgatar e promover a continuidade desse repasse de conhecimento acerca da fitoterapia, este estudo teve em vista o diálogo com mulheres de um bairro de Campina Grande-PB no que diz respeito a uma planta específica de grande interesse deste público, a *Aloe Vera* (Babosa). Com a intenção de não permitir o esquecimento desse saber popular, procuramos estimular o debate relacionado às práticas de uso da planta, bem como apreender os sentidos detidos pelas mulheres da comunidade, permeando a funcionalidade e grau de resolutividade das plantas medicinais.

METODOLOGIA

Adotou-se para essa pesquisa a abordagem descritiva e exploratória com enfoque qualitativo baseado na realização da técnica de grupo focal para a obtenção de dados junto a algumas mulheres do bairro Malvinas, em Campina Grande-PB. O grupo focal consiste em obter os dados a partir do encontro com um grupo de pessoas que representam o objeto de estudo. A pesquisa intitulada "*Utilização da Babosa (Aloe Vera) por mulheres de uma comunidade no município de Campina Grande-PB*" faz parte do Programa de Educação Tutorial – PET CONEXÕES DE SABERES – FITOTERAPIA, da UFCG.

Os critérios de inclusão do estudo foram: ser do sexo feminino; residente

na área coberta pela UBSF Malvinas V; concordar e assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE e a declaração de permissão do uso de áudio e vídeo. Seis mulheres formaram o grupo de estudo, que foi realizado na residência de uma delas. Durante a entrevista elas não eram chamadas pelo próprio nome, e sim pelo nome de alguma planta medicinal a qual mais se identificassem. Foram as plantas escolhidas: mastruz, boldo, erva-doce, malva-rosa, capim-santo e camomila. Destas, apenas malva-rosa e capim-santo eram idosas e formam, com maior ênfase, o objeto deste estudo.

Além dos sujeitos da pesquisa, estiveram presentes um moderador (que assume uma posição de facilitador do processo de discussão), um relator (que registra os acontecimentos, observando a linguagem não verbal e outras manifestações dos presentes) e seis observadores (que auxiliam o relator na sua função). O encontro foi gravado, a partir do consentimento das participantes, e os dados foram transcritos por meio da interpretação dos recursos audiovisuais.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Temos que cerca de 80% da população mundial, especialmente os idosos, já tiveram alguma experiência de utilização de fitoterápicos, com fins preventivos ou curativos ⁴. Além de grandes utilizadores das ervas medicinais os idosos mostram-se também como grandes repassadores desta prática. Tal relação é vista no relato de “capim-santo”, onde a mesma especifica como se deu o repasse: - *Com o povo mais velho né... Foi repassado pra mim né, eu usei também, e indico a qualquer um.* Erva-doce reitera que o conhecimento acerca das plantas advém da população mais velha: - *É, esse conhecimento já vem dos mais velhos né, da minha mãe.*

Em contrapartida, observamos que os mais jovens possuem um ceticismo quanto à eficácia e às propriedades das plantas medicinais, e até mesmo não procuram saber da existência de um tratamento alternativo. Isso pode ser explicado pelo costume atual de recorrer, na maioria das vezes, ao tratamento alopático. O processo de valorização da medicina ocidental em detrimento dos saberes tradicionais atinge em maior número os indivíduos mais jovens, mas já perpassa, em larga medida, toda a sociedade ². O depoimento de “boldo” (18 anos) atesta essa realidade: - *Na minha casa a gente realmente recorre mais aos remédios, de farmácia mesmo, então eu também nunca procurei saber dessas utilidades da Babosa, então sempre recorri aos remédios de farmácia mesmo. Eu já tinha ouvido falar pra colocar no cabelo, mas nem acreditei na realidade, não levei a sério (risos).*

O medicamento alopático faz parte do processo de cura proposto e imposto através de prescrições médicas, garantidor de domínio, nem sempre tão salutar, da medicina científica frente às terapias alternativas ⁵. Para “mastruz”, a razão do não uso de plantas medicinais deve-se à crença de que ação dos medicamentos alopáticos é mais rápida e efetiva quando comparada às ervas: - *A gente vai atrás do que é mais rápido né, o tratamento com plantas naturais é mais lento, então eu nunca me interessei por isso, eu creio que ela resolve, mas não tão rápido como um remédio de farmácia.*

Todavia, um estudo proposto por Pires e Araújo ⁶ evidenciou que noções de efetividade são relacionadas com a experiência de uso tanto do medicamento alopático quanto da planta medicinal. Sendo assim, não há ainda parâmetros que comprovem uma ação mais eficiente do medicamento alopático, não justificando assim a preferência da entrevistada “mastruz”.

CONCLUSÃO

O uso de plantas medicinais pela população brasileira é uma prática tradicional, sendo quase sempre o único recurso utilizado na atenção básica de saúde. Por ser uma terapia de baixo custo e pelo fácil acesso a comunidade recorre geralmente à terapêutica à base de plantas medicinais.

Percebe-se ainda que a população mais velha do nosso país ainda detém essa sabedoria milenar e dedica-se ao repasse para vizinhos e familiares, a partir da oralidade, realizada através do convívio diário entre as pessoas, propiciando a transmissão de informações, crenças e valores.

REFERENCIAS

1. BADKE MR, BUDO M de LD, SILVA FM da, RESSEL LB. Plantas Mediciniais: o saber sustentado na prática do cotidiano popular. Esc. Anna Nery. 2011 jan-mar; 15 (1):132-139.
2. SANTOS FSD dos. Tradições populares de uso de plantas medicinais na Amazônia. Hist. cienc. saude-Manguinhos. 2000 set; vol.6, pp. 919-939.
3. CEOLIN T et al. Plantas medicinais: transmissão do conhecimento nas famílias de agricultores de base ecológica no Sul do RS. Rev. esc. enferm. USP. 2011; 45(1):47-54.
4. SILVA TE da, PARDONO E, OLIVEIRA RMJ de. Conhecimento e utilização da fitoterapia em idosos com aderência às práticas integrativas: estudo piloto. Revista Brasileira de Medicina de Família e Comunidade. 2012; vol.7.
5. MENDONCA RT, CARVALHO ACD de. O papel de mulheres idosas consumidoras de calmantes alopáticos na popularização do uso destes medicamentos. Rev. Latino-Am. Enfermagem. 2005 nov./dez; vol.13, n.spe2, pp. 1207-1212.
6. PIRESA AM, ARAÚJO PS. Percepção de risco e conceitos sobre plantas medicinais, fitoterápicos e medicamentos alopáticos entre gestantes. 2011 abr./jun; v.35, n.2, p.320-333.